

PARTES DE UM TODO: AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO EM UM ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO EM ÁREAS DE RISCO NA CIDADE DE PELOTAS/RS

**MARCIO NILANDER AVILA BARRETO¹; MAICON FARIAS VIEIRA; VERA
CARDOZO BAGATINI²; MARCIA HELENA SAUAIA GUIMARÃES ROSTAS³**

¹*Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul – intergi11@gmail.com*

²*Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul – mai_con_pel@hotmail.com;
veracbagatini@gmail.com*

³*Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul – mrostas@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a identificar as possíveis causas ou fatores determinantes que possam fazer com que algumas crianças, em situação de vulnerabilidade social, se perceba pertencente ou não ao ambiente tradicional escolar e ao ambiente não formal de educação.

Como pano de fundo nos utilizamos de um projeto socioassistencial ofertado pela Associação Beneficente Evangélica Maranata (ABEM) através de uma proposta educativa não-formal que vem atuando com um público formado por moradores de área de risco, no bairro Navegantes, na periferia da cidade de Pelotas-RS. O projeto socioassistencial da ABEM, atuante desde 27 de julho do ano de 1999, visa a atender jovens em situação de vulnerabilidade social.

A pesquisa, dentro do projeto assistencial da ABEM, é motivada pelas atividades de educação não formal que esta instituição promove por meio da oferta de cursos e oficinas à comunidade.

O foco principal é a observação de uma atividade prática denominada “escolinha de futebol”. Esta prática é ofertada a meninos de 6 a 16 anos, e conta, no ano de 2016, com 44 alunos, do sexo masculino. Todos os participantes devem estar matriculados em uma escola regular.

De acordo com os documentos consultados da entidade o objetivo das atividades propostas a comunidade é o de disponibilizar aos moradores do bairro Navegantes, em situação de vulnerabilidade, atividade educacional complementar.

O referencial teórico está dividido da seguinte forma: Silva(2000) - as relações de identidade; Sen(2015) - as relações de pertencimento, e Charlote (2002) - as relações de violência,.

Nosso trajeto envolve ações complementares que darão sustentação ao objetivo geral da pesquisa, quais sejam:

1. Conceituar pertencimento numa perspectiva social;
2. Distinguir educação formal pública e não formal (socioassistencial mantida pelo terceiro setor) em um contexto de inclusão social;
3. Descrever o contexto social em que estão inseridos os alunos de um projeto socioassistencial mantido pelo terceiro setor;
4. A partir dos relatos de crianças em vulnerabilidade social (submetidas às condicionalidades de frequência exigidas pelo Programa Bolsa Família em escola regular e pertencentes ao projeto socioassistencial), identificar se há alguma característica de pertencimento comum entre o ambiente educacional formal e o não formal;
5. Analisar como estes sujeitos evidenciam sua motivação em espaço de educação formal comparando-o com o espaço do projeto socioassistencial; e

6. Destacar que significados os sujeitos produzem ao construir um conceito de pertencimento e se estes são, ou não são, comuns nos dois ambientes (formal e não formal) frequentados.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que, em nosso caso, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são premissas fundamentais no trabalho. De acordo com Demo (2013), “A pesquisa qualitativa abriga diferentes correntes que se apoiam a pressupostos contrários, métodos e técnicas distintas dos estudos experimentais”. Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, a estratégia por nós utilizada, foi o estudo de caso. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986)

Como em nosso percurso investigativo abordamos questões que envolvem os sentimentos de identidade e pertencimento, atentamos para a escolha e a utilização de um instrumento onde pudéssemos realizar, com efetividade, a seleção dos sujeitos participantes. Assim, dividimos nossa pesquisa de campo em duas etapas: para a aplicação da primeira etapa de diagnósticos e classificação, utilizamos um questionário; para a etapa seguinte utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturada.

Identificamos, a partir da aplicação de um questionário pré-teste, que este recurso mostrou-se adequado. Dos 44 alunos matriculados, 30 crianças responderam ao questionário. Com base nas respostas, pudemos observar algumas variáveis que direcionaram as nossas escolhas na formação do grupo a ser entrevistado. Foram selecionados 07 estudantes que apresentaram características que iam ao encontro dos objetivos propostos: tempo de moradia no bairro Navegantes; estar matriculado regularmente em escola pública; e ser beneficiário do programa bolsa família.

Foi elaborado um roteiro de entrevista e aplicado, sob a forma de pré-teste, a duas crianças pertencentes ao projeto e não selecionadas para esta fase da pesquisa. Após análise dos dados encontramos subsídios e procedemos a elaboração do roteiro que fora aplicado aos 07 alunos. Neste instrumento buscamos identificar fatores que caracterizassem a relação de pertencimento nos ambientes formal e não formal de educação.

Em seguida às entrevistas foram procedidas as suas transcrições evitando fazê-las em espaço de tempo superior a dois dias, possibilitando assim evitar omissões, uma vez que além das falas, registramos gestos e as ausências de respostas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa encontra-se, ainda, em andamento. Na fase em que se encontra, podemos evidenciar a significativa interferência da violência nos espaços da educação formal e da comunidade que influenciam os sentimentos de pertencimento e de identidade. Estes pontos têm influenciando suas relações e experiências na escola pública, no projeto socioassistencial e nas ruas do bairro onde residem. Na educação não formal, nas dependências do projeto socio assistencial, não há relato de violência e sim o desejo de melhorias estruturais.

4. CONCLUSÕES

A partir dos dados já colhidos e, ainda, em fase de análise, observamos que os espaços de educação formal e não formal sofrem interferência do meio em que estão inseridos o que leva aos seus sujeitos a ter suas identidades e sentimento de pertencimento próprios de cada ambiente.

Percebemos, ainda, que o fato das crianças, mesmo que de forma suscinta, discutirem a questão da violência, revela características de cada um dos espaço e forma como eles podem interferir entre si.

Por fim, percebemos que os resultados podem se configurar em referencial para a (re)elaboração dos projetos pedagógicos dos ambientes de educação (formal e não formal) e como instrumento de reflexão para a comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002. Acessado em: 22 abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>.

DEMO, Pedro. Introdução à Metodologia da Ciência. São paulo: Atlas, 1985.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

SILVA. Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturas /** Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SEN, Amartya. **Identidade e violência: a ilusão do destino /** Amartya Sem; tradução José Antonio Arantes. – 1 ed. – São Paulo : Iluminuras : Itaú Cultural, 2015.